

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA: A DANÇA EM CADEIRAS DE RODAS E REPRESENTAÇÕES CORPORAIS

Roberta Bevilaqua Quadros; Luciana Erina Palma.

RESUMO

O estudo pretende que se reflita sobre a importância de conviver a dança em cadeira de rodas para pessoas com deficiência física e o que isso demonstra nas representações corporais e sociais em suas vidas. A fim de analisar as representações corporais de praticantes de dança em cadeiras de rodas a partir de suas conceituações sobre o movimento, corpo, deficiência e imagem corporal. O estudo foi de cunho qualitativo do tipo descritivo, realizado no X Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas que ocorreu na cidade de Santa Maria/RS. Fizeram parte do estudo seis (06) participantes, e foi aplicada uma entrevista semiestruturada. A análise dos resultados e a discussão foram organizadas em categorias derivadas dos dois blocos do roteiro de entrevista. A Categoria I, referente à Prática da Dança, demonstrou o que realmente a dança significa para os participantes/bailarinos através da prática em grupos, ou na participação de campeonatos. A Categoria II: O Corpo e a Dança remete a relação entre esses dois temas, buscando verificar as percepções em relação à prática de dança em cadeira de rodas. Desse modo, a dança em cadeira de rodas mostrou-se como espaço social para que as pessoas evidenciassem suas capacidades e habilidades tanto na esfera social como motora, desta maneira estimulando todos a refletir.

Palavras-chaves: Cadeira de Rodas; Dança; Deficiência Física; Representações Corporais.

1 - INTRODUÇÃO

A dança é um movimento que parte de alguma intenção a qual se quer demonstrar sentimentos ou emoções que vão além das palavras, sendo diferenciado em cada pessoa que a realiza, isso porque todos possuem seu ritmo e sua forma de demonstrar algo a ser transmitido. Gaio e Góis (2006) ressaltam a dança como uma linguagem que faz com que as pessoas que dançam ou não, reflitam nesse movimento e no que essa está querendo evidenciar, porque é nesse momento que o corpo é envolvido por um tema, que fala e discute e principalmente, por algumas vezes pode polemizar um tema não explorado.

Ferreira e Ferreira (2004) expõem que a dança assumida como linguagem deve ser entendida diferentemente da linguagem verbal, pelo fato de possuir especificidades significativas, ordem própria e com intuito de mostrar sentidos, de maneira que não expõe sentimentos e nem ideias na forma de palavras. As mesmas citam que no momento da dança,

esta significa pelas relações de sentidos que os homens estabelecem entre si e pela relação com o simbólico formado pela história e pela cultura. Ainda as autoras, refere-se que a dança para ser linguagem necessita de significado (conteúdo semântico), estruturação (organização sintática) e ser dançada (eloquência), os quais são dependentes uns dos outros.

Geralmente a dança expressa sinais e sentidos que não conseguimos demonstrar por palavras, esses significados serão transmitidos pelos dançarinos e irá depender de como irão conseguir transmitir estes sentimentos. Partirá de cada praticante da dança assumir o papel de dançarino e incorporar a dança como linguagem não verbal.

Freire (2001) revela que a dança, há pouco tempo atrás, permitia apenas corpos perfeitos, sem deficiência física e corpo em forma, como o ballet exigia. Trago reflexões sobre os tempos de hoje em que o corpo com deficiência possui mais visibilidade do que alguns anos atrás, não somente na dança, mas em diferentes lugares e contextos sociais. A dança nesse momento histórico permite pessoas magras, gordas, baixas, altas, etnias diferentes, poder econômico diferente, entre outros, não havendo discriminação. E é nesse sentido que a dança em cadeiras de rodas acompanha essas mudanças de visibilidade e surge como instrumento de divulgação de que corpos com deficiências possuem sim a capacidade de dançar, tornando-se possível para quem deseja praticar a dança.

O termo deficiência possui diversos conceitos em que autores abordam suas definições, como: Carmo (1991): anormalidade/normalidade; Jannuzzi (1992): exclusão/imperfeição; Roberts (1996): eficiência/deficiência. Essas terminologias sobre a deficiência acompanham a visão da sociedade, o que se refere a estigma social. O entendimento de estigma social por Goffman (1975) estabelece que por meio de categorizar os indivíduos a sociedade atribui características comuns existentes em cada categoria. Assim, esse conceito proposto por Goffman é permeado pela presença corporal entre os grupos estigmatizados e normais, através das relações sociais cotidianas em ambientes estabelecidos. Esse autor ainda cita que a pessoa estigmatizada possui a identidade real, que seria o conjunto de categorias e atributos que prova ter e a identidade virtual que seria em relação ao outro, o que a pessoa tem para com o outro (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011).

A dança em cadeira de rodas chama atenção para corpos denominados de diferentes em relação ao padrão que se estabelece de “normal” (grifo do autor), pelo simples fato de não demonstrar limitação em um palco sobre uma cadeira de rodas. Com relação às apresentações dos trabalhos da dança em cadeira rodas, Ferreira (2003) cita que o que tem se mostrado é autonomia de corpos sujeitos e um corpo não estereotipado, propondo autonomia desses corpos com manifestações de seus desejos e de suas expressões culturais. Ressalta que, nessa

modalidade o que está presente é um corpo que se apresenta para o público, e não somente representa.

Conforme Ferreira (2003) a dança em cadeira de rodas apresenta duas vertentes: a busca da condição de arte e a dança competitiva (dança de salão). Esta se apresenta com uma pessoa sobre uma cadeira de rodas que representa um dançarino com o corpo com deficiência unido a outro dançarino que representa uma pessoa “andante”, desta forma unindo a individualidade de ambos para a coletividade. Ainda, cita o que a dança de salão quer mostrar, são corpos diferenciados que demonstram movimentos corporais estruturados deslizando pelo salão.

Na dança em cadeira de rodas, a diferença entre os corpos que dançam, cadeirante e o andante, é realçado de forma positiva, pois nesse momento afirmam e reafirmam que todos possuem suas próprias características. E quando o público está presente, que esta percepção seja sensível aos seus entendimentos e compreensão, porque nada é mais interessante que dois seres de características diferenciadas demonstrem em um palco uma das mais belas artes, a dança. Freire (2001) relata que ao presenciarmos e/ou convivermos com a dança para um corpo diferente é um caminho para conhecermos um conceito mais amplo de beleza e entendermos a estética de forma diferente.

A dança possui como elementos culturais, partindo de sua historicidade, a estética e a performance. A dança para a pessoa com deficiência física possui a cadeira de rodas como elemento de significado na gestualidade do movimento, e com esse objeto vêm as marcas da historicidade, de forma negativa. Desta maneira, a cadeira de rodas precisa ser re-significada e ser considerada como elemento da arte, a qual revela sentidos fortes que não explicitados em palavras. A cadeira de rodas marca social e culturalmente a deficiência física na sociedade e para mudar esta situação de forma positiva a dança precisa fazer diferença na vida dos que praticam a dança em cadeira de rodas. Assim, este objeto deixa de ser estigma da pessoa com deficiência física e passa a ser elemento de prazer do corpo. Este processo vem ocorrendo, e isso afirma que a dança modifica a relação das pessoas com deficiência física consigo mesmas, podendo assim transformar a relação pessoal com o público (FERREIRA; FERREIRA, 2004).

Albright (1997) citado por Freire (2001) faz a menção de vários questionamentos, como: agimos quando uma pessoa com deficiência apresenta-se no papel de dançarino? Pode haver rompimento de concepções sobre as habilidades dos bailarinos com a participação de corpos deficientes na dança? Para se tornar dançarino, o corpo deficiente ultrapassa seus limites? A autora coloca que “o que está em jogo nessas questões não é meramente uma

definição física do corpo do dançarino, mas a ampla estrutura (metafísica) da dança como forma de representação” (p.10).

Os questionamentos são válidos para haver um “choque de realidade” porque quando se imagina a dança em cadeira de rodas sem presenciar o fato não se imagina que não há diferença na realização dos movimentos. Isso porque a cadeira de rodas é entendida como parte do corpo, é o membro inferior que desliza pelo espaço. A única diferença é a mentalidade de quem assiste, que pode ainda pensar que o corpo que dança é o considerado “normal” sem limitação. Referente à limitação, não é específico das pessoas com deficiência, porque se pensarmos no aspecto emocional, todos possuem limitações.

Aos olhos de quem presencia um espetáculo da dança em cadeira de rodas percebe não só a movimentação dos dançarinos, mas a ligação e a entrega que acontece no momento da dança. Além da técnica apresentada há o envolvimento da música, do parceiro, do ritmo, e um conjunto que emociona o público ou quem está perceptível a esse espetáculo. Tolocka (2006) ressalta que ao presenciar um espetáculo de dança, seja com dançarinos idosos, adultos, jovens, ou crianças, seja com cadeira de rodas, com surdos ou deficientes auditivos, ou cegos, a experiência é fantástica e leva a refletir que algo tão belo realizou-se sem muitos esforços.

Ainda Albright (1997) afirma que a relação da dança com a deficiência é excelente para investigar as construções sobrepostas de habilidade física, subjetividade e visibilidade cultural. A análise dessas questões referentes à dança profissional pode ser construída pelo confronto das condições práticas da deficiência e dos significados simbólicos e ideológicos que o corpo deficiente abrange em nossa cultura. Desta maneira, a autora foca que estamos numa posição de reflexão e/ou decisão sobre corpo que dança (representação teatral) com a atual realidade das experiências físicas. E quando assistimos a um corpo com deficiência dançando reconhecemos que uma performance (grifo do autor citado) de dança é baseada nas capacidades físicas, a qual o dançarino não se limita.

Siqueira (2006) afirma que a matriz geradora da dança, dos gestos com significados, das performances, dos movimentos espontâneos, sendo instrumento para análise e reflexão é o corpo. E refletindo sobre o isso, é esse que se expõem para demonstrar movimentos suaves, belos e com significados.

Cohen (1997) citado por Freire (2001) menciona que nosso corpo movimenta-se a partir de como a mente manifesta-se, assim, este se expressa através do corpo em movimento. Por isso, quando há mudança na qualidade dos movimentos é porque houve uma modificação de foco da mente sobre o corpo. Assim, o movimento pode ser a maneira de observação da mente por meio do corpo, significando a possibilidade de mudanças na relação mente-corpo.

O corpo é o instrumento visível para o invisível se concretizar, que é a dança. Nesse sentido a pessoa que se entrega para este movimento usa totalmente seu corpo para que seja transmitido o que deseja tornar nítido. Com a dança em cadeira de rodas acontece o mesmo, haverá a entrega do corpo do dançarino andante e o sobre em cadeira de rodas. Ferreira (2003) cita que as pessoas limitadas pela deficiência mobilizam seus corpos como instrumento de liberdade através da dança em cadeira de rodas.

Cada ser humano possui seu entendimento e preocupação com o seu corpo e o que este está representando perante as trocas de relações com o meio em que vive. Essas relações fazem com que nos deparemos com alguns questionamentos: como nos percebemos corporalmente? Qual seria a nossa identidade? O que pensam sobre meu corpo? Essas questões estão ligadas ao fato da construção das representações corporais.

Sobre corpos, Larrosa (2003) citado por Silva e Ribeiro (2010) remetem que esses são formados pela trama social de determinada época, momento, pelas práticas sociais, sendo que assim os discursos e representações sobre os corpos são assumidos e ressignificados pelos sujeitos. Para Foucault (2004), as representações corporais são representações de discursos que ressignificaram a partir do ambiente. Desta forma, os autores citam que a partir da convivência com o meio em que estamos inseridos, o que obedece a um determinado momento cultural e histórico faz com que o ser humano construa e ressignifique suas representações sobre corpo. Essas representações não são fixas e sim transformadas através das relações sociais.

Silva e Ribeiro (2010) retomam que o ambiente representa o movimento histórico, social, político, cultural, o qual intervém nos corpos através das relações estabelecidas, representadas e ressignificados, assim, o ambiente representa o momento em que o corpo pode construir e reconstruir seus discursos a partir de suas identidades. As autoras reforçam ainda que a percepção dos corpos e da imagem faz parte da identidade, já que nas relações sociais estabelecidas somos constantemente avaliados pela aparência e não somente pelo que somos.

Soares (2004) cita que na construção de representação de corpo segue os valores culturais, morais, econômicos, estéticos e físicos enfatizados por uma determinada sociedade. O autor cita ainda que a representação corporal está ligada à identidade do indivíduo, sendo que esse é o meio que permite o ser humano a ter relações com algum grupo social.

Atualmente, as pessoas com deficiências já possuem espaços consideráveis na sociedade, em comparação a outros tempos, mas mesmo assim ainda há convencionalismo de

corpos sem limitações. É como se a pessoa com algum tipo de limitações não estejam aptas ou possibilitadas de realizar atividades cabíveis a todos.

O simples fato de dançar gera o questionamento de saber o motivo pelo qual realizam esse movimento, e também por “subir” (grifo do autor) em um palco para uma apresentação e até mesmo para uma competição. Nesse sentido, instiga-se a importância da dança em cadeira de rodas para pessoas com deficiência física, enfatizando o que isso interfere nas suas representações corporais. A proposta de pesquisar essa população foi também pelo motivo de presenciarmos um espetáculo a parte do que estamos acostumados.

A identificação de um indivíduo no primeiro momento é a representação corporal, desse modo, seria o corpo como sendo o cartão de visita. Há um ditado popular que afirma que: “a primeira impressão é a que fica”, e logo, o que chama a atenção é a aparência.

Como o foco do estudo é com pessoas com deficiência física, visou-se analisar as representações corporais de praticantes de dança em cadeiras de rodas a partir de suas conceituações sobre o movimento, corpo, deficiência.

O estudo pretende que se reflita sobre a importância de conviver e de presenciar a dança em cadeira de rodas para pessoas com deficiência física e o que isso demonstra nas representações corporais e sociais em suas vidas.

2 - METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois as variáveis resultam da especificação de uma característica (COSTA, 2001). Assim como, apresenta característica descritiva, por ter como objetivo a descrição das características de determinada população (GIL, 2006).

O estudo foi realizado no X Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas; que ocorreu na cidade de Santa Maria/RS, promovida pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFSM) e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no mês de outubro de 2011. A análise dos dados desse estudo no referido evento não acarretará variação significativa das respostas pelo tempo passado, que é de dois anos, pelo fato de ser um estudo interpretativo das respostas.

No Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas foram seis (06) casais participantes de vários estados, que concorreram em duas categorias: a primeira nos

ritmos de samba, rumba e jive, e a segunda nos ritmos de chacha chá e passo doble. A disputa foi entre casais, sendo que um dos parceiros é usuário de cadeira de rodas. O campeonato foi válido como seletiva para o campeonato mundial desta modalidade.

Para a participação no estudo foram obedecidos os seguintes critérios de inclusão como: possuir deficiência física; utilizar cadeiras de rodas; participar de grupos de danças; ser praticantes de dança em cadeira de rodas; ser adulto com faixa etária de 21 a 50 anos. Desta forma, o estudo compõe-se de seis (06) participantes, sendo três (03) do sexo feminino e três (03) do sexo masculino.

Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada baseada em Tavares (2003). O roteiro foi intitulado “Representações corporais e a dança em cadeiras de rodas”, referente às representações de corpo e a dança. Em relação à entrevista semi-estruturada, Boni e Quaresma (2005) falam que o pesquisador assume um contexto semelhante à de uma conversa informal, assim pode esclarecer questões não claras, e se for preciso ajudar a recompor a entrevista caso haja alguma distração.

Primeiramente foi apresentado o tema da entrevista aos participantes e logo ao confirmarem a participação foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, foi feita a Ficha de Identificação de cada participante, juntamente com a realização da Entrevista.

O roteiro de entrevista contém dois itens, o primeiro refere-se à identificação de cada indivíduo, indaga a caracterização da deficiência, referente ao tipo, à causa, se precisa de algum auxílio para a locomoção. O segundo item são as perguntas abertas que estão divididas em dois blocos: A prática da dança, O corpo e a dança.

O 1ª bloco abrange perguntas sobre os motivos da escolha pela dança, as expectativas iniciais e atuais dessa prática, há quanto tempo pratica e há quanto tempo participa de campeonatos e/ou mostras artísticas; quais estilos participam, qual é o papel social dos bailarinos em cadeira de rodas, e quais são seus entendimentos por dança, movimento, corpo, deficiência e imagem corporal.

O 2ª bloco compreende perguntas sobre quais as partes do corpo que mais e menos gostam, e os motivos; sobre a imagem corporal depois da prática da dança; como é o processo de construção de coreografia; quais os benefícios da prática da dança.

Foi utilizada a análise de conteúdo como técnica de análise de dados, conforme Bardin (2006). A análise de conteúdo aborda técnicas de análise do que está sendo trabalhado, e emprega procedimentos sistemáticos para a descrição do conteúdo.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para um melhor entendimento os entrevistados serão denominados de participantes com as seguintes denominações e respectivas características: P1, P2, P3, P4, P5 e P6, participantes do campeonato e utilizam cadeira de rodas para dançar e para se locomover. A P1 – sexo feminino com 21 anos, tipo de deficiência congênita - osteogênese imperfeita, utiliza muletas para se locomover; P2 - sexo feminino com 23 anos, tipo de deficiência congênita - hidrocefalia mielomeningocele; P3 - sexo feminino com 29 anos, tipo de deficiência adquirida com 20 anos – por acidente; P4 - sexo masculino com 26 anos, tipo de deficiência adquirida com 22 anos – por acidente; P5 sexo masculino com 46 anos, tipo de deficiência adquirida com 1 ano e meio – por poliomielite ou paralisia infantil; P6 - sexo masculino com 39 anos, tipo de deficiência adquirida com 1 ano e meio - por poliomielite ou paralisia infantil.

A análise dos resultados e a discussão foram organizadas em categorias derivadas dos dois blocos do roteiro de entrevista. A primeira em relação à prática da dança e a segunda em relação ao corpo e a dança. As categorias serão apresentadas em forma de quadro, com indicação em ordem numérica respectivamente, com as principais palavras - chaves, algumas dessas palavras foram abreviadas: Imagem Corporal (IC), Qualidade de Vida (QV). A opção de colocar termos no quadro foi para uma melhor visualização das respostas referentes às perguntas de cada categoria.

Categoria I: Prática da Dança

Esta categoria demonstra o que a dança significa para os participantes/bailarinos através da prática em grupos, ou na participação de campeonatos e mostras artísticas.

A seguir será demonstrado o quadro 1 que retrata as principais respostas sobre a prática da dança.

Perguntas	Participantes					
	P1-F	P2-F	P3-F	P4-M	P5-M	P6-M
Escolha	Apaixonou-se	Encontrou-se	Convite	Por acaso	Opção	Experimentou
Expect. Iniciais	Aprender	Por acaso	As mínimas	Competir	Benefícios	Gostava
Expect. Atuais	Profissão	Positivas	Melhorar, treinar, superar os	Aprimorar-se	Participar de campeonatos - mundial	Sentir-se realizado

			limites.				
Pratica Há?	2 anos 6 meses	8 anos	1 ano 8 meses	3 anos	3 anos	6 anos.	
Papel social	Inclusão, Arte em si.	Socializaçã o	Incentivar e mostrar que são capazes.	Não vê como papel social.	Mostrar que todos somos iguais.	Integrar sociedade.	
Definições das palavras:	Dança	Paixão	Minha vida	Alegria	Paixão	Harmonia	Postura
	Movimento	Perfeição	Liberdade	Superação	Fluir	Superação dos limites.	Ritmos
	Corpo	Saúde	Instrumenta ção	Base	Conhecer	Estar bem	Alma
	Deficiência	Superação	Algo que possibilite fazer tudo.	Aprender	Todos possuem	Não conhece	Superação
	Imagem Corporal	Instrumento	Disciplina	Importante	Autoconheci mento	Não parou para pensar	Movimento

Quadro 1

Na primeira pergunta, notamos que a prática foi algo inesperado e que acabou acontecendo através de incentivo à busca de algum exercício físico, a convite de alguém que já participava, ou simplesmente por acaso de presenciar ensaios ou prática. Assim, chamando suas atenções e descobrindo-se a dança, e desta maneira “apaixonando-se”. A P2, depois de ter tentado vários esportes, comentou que se encontrou na dança, e citou: “Dança é expressão”. O P4 estava saindo da fisioterapia, quando resolveu olhar o que estavam fazendo em um ambiente a frente, e desde então se apaixonou, em sua fala confirmou que: “a dança me escolheu”.

Sobre as expectativas iniciais, logo quando começaram a praticar, as respostas foram sobre aprender, competir, praticar pelos benefícios à saúde, pela busca de novos amigos e inclusão social. O P6 tem na sua fala “que se posso fazer em pé, posso dançar sentado em uma cadeira de rodas”. Esta fala está totalmente relacionada à vontade e ao interesse que a pessoa deve possuir para começar a fazer ou praticar algo, principalmente não havendo acomodação, e sim sendo provocado por um estímulo. Ainda, todo e qualquer começo possui uma finalidade que dependerá de cada sujeito.

Quando se perguntou das atuais expectativas com a dança, em relação à prática a partir do que já vivenciaram até aquele momento, as respostas foram o objetivo pela profissão, treinamento e superação dos limites, participação em campeonatos, e bom convívio com a parceira de dança. A P1 relata que seu principal objetivo “é fazer com que a dança em cadeira de rodas se expanda”. O movimento da dança é algo contagiante, quem deixa levar-se pelas

emoções através dos movimentos, do ritmo e da música canaliza esse ambiente e se expressa de sua maneira, e que o desejo de expandir a dança em cadeira de rodas é para que ultrapassem toda e qualquer barreira, seja ela física ou de preconceitos, fazendo com que o público entenda e se apaixone.

Sobre qual a opinião do papel social dos bailarinos na dança em cadeira de rodas, cada um expôs o que pensa em relação à importância perante a sociedade e o que pode ainda acontecer para a mudança de visão sobre o preconceito. As respostas resumem-se em: inclusão, socialização, e demonstração de que são capazes. Nessa perspectiva, Orlandi (1990) citado por Ferreira e Ferreira (2004) relata que quando significamos o nosso ambiente, estamos estabelecendo o nosso espaço na sociedade e valores sociais. O mesmo autor complementa afirmando que quando significamos os gestos corporais nas imagens construídas no discurso corporal é que se estabelece o entendimento do sentido dos movimentos da dança para as pessoas com deficiência física. Dessa maneira, relato que tudo o que é visto é lembrado, é criticado nas formas construtiva e negativamente nas relações sociais, isso deve acontecer no momento da exposição desses corpos nos diferentes espaços. Esse fato deve acontecer não somente com a dança em cadeira de rodas, mas com outros movimentos ligados ao trabalho, a educação, ao lazer e ao esporte.

Conforme Freitas e Tolocka (2005) a dança em cadeira de rodas é um movimento da dança e também social, que faz com que os dançarinos busquem seus espaços para se expressarem artisticamente e mostrar suas capacidades além de suas limitações. Em um estudo realizado por esses autores sobre os sentimentos e a dança esportiva em cadeira de rodas, houve uma das falas de um sujeito sobre a ligação entre a dança e a pessoa, que relatou a importância social que a dança em cadeira de rodas está causando para as pessoas com deficiência. Aquele que se expõe, que demonstra e principalmente afirma e reafirma de diversas formas o motivo de sua causa de expressar algo, possibilita que a sociedade possa o compreender e que haja reflexão e mudança de comportamento e de posição.

Além do papel social que os bailarinos podem assumir em relação à sociedade, devemos pensar que a dança pode atuar na constituição de cada um e nas relações com o ambiente. Quando a pessoa encontra-se na dança, há um ambiente favorável em que as relações poderão ser estabelecidas e transformadas, desse jeito contribuindo com a construção do sujeito, mas, e principalmente, para consigo mesmo. A partir do que Ferreira e Ferreira (2004) citam que a dança pode intervir na constituição do sujeito e na relação com o mundo, existem as contribuições dessa para as pessoas com deficiência física, que são: instrumento para o autoconhecimento e possibilidades de transformações sociais; como forma de

expressão e comunicação através do movimento; e ressignificação como sujeito na sociedade pelo que os movimentos proporcionam.

A sexta pergunta englobou a definição de cinco palavras, onde a entrevistadora citava-as e os entrevistados repassavam a definição, as palavras serão apresentadas em itálico. Na definição, demonstraram um pouco de dificuldade em resumir em poucas palavras o que pensavam, ou a forma de como iriam expor suas emoções, seus pensamentos, seus posicionamentos.

A primeira palavra *Dança* expressou sentimentos como: paixão, vida, alegria e harmonia com o corpo. As palavras citadas remeteram emoções positivas que afirmam o envolvimento que a dança está causando nas suas relações, sentimento de bem-estar, satisfação e orgulho por ter se entregue a esse movimento. No momento das entrevistas, era nítido na fisionomia dos participantes o prazer de praticar, pelo simples fato de realizar algo prazeroso e estar expandindo a dança em cadeira de rodas. Conforme Ferreira e Ferreira (2004) alguns indícios são marcados para a compreensão do significado da dança, como: a maioria dos gestos sentidos na dança não pode ser explicada e sim possuir significado e sentido; a dança, em alguma ocasião, pode recriar o mundo através dos símbolos e formas; e através da forma de imagens materializa-se o sentido da dança.

No momento em que perceberam a dança, veio seu significado, sua forma de proporcionar momentos alegres, de reflexão e de provar que estão no mundo para mostrar suas capacidades e seu poder. Freitas e Tolocka (2005) afirmam que a dança para cumprir seu papel e ser instrumento dos sentimentos e experiências do indivíduo depende do corpo e da vitalidade humana. Por isso, acredita-se que deve haver a entrega do corpo às emoções e ao movimento, nada incompleto e sem vontade, mas de maneira verdadeira e sincera.

A segunda palavra: *Movimento* surgiu como perfeição, liberdade e superação dos limites. É bom ressaltar que em nenhum momento a limitação física pareceu impor dificuldade na realização dos movimentos e ser empecilho de não praticar a dança. O que surgiu foi a superação de limites perante a sociedade e obter a compreensão que são capazes e também de demonstrar para si mesmo que podem fazer. É realmente fantástico saber desta percepção por parte dos dançarinos porque as palavras perfeição e liberdade expressam a autonomia de tornar reais seus movimentos sem medo de erro, sem medo de sofrer preconceitos e encarar essa situação de forma explícita e com satisfação. Albright (1997) citado por Nunes (2005) relata que o trabalho da dança com bailarinos com deficiência física merece uma atenção no processo de construção de movimentos, não somente do que podem

fazer, mas como fazem. Desta maneira, abrindo espaço para um novo entendimento do corpo que dança, fazendo com que se elimine a visão de padrão perfeito do corpo para a dança.

Corpo, como a terceira palavra, foi citado como saúde, instrumento de dança como base e alma, desta forma a P2 expressou que “corpo é tudo”. É interessante resgatar que não houve separação entre corpo e mente, e sim o entendimento de corpo como um todo, principalmente como meio de expressar seus sentimentos. Não houve citação de apenas a realização de movimentos e sim, a demonstração de suas emoções e de que realmente querem compartilhar.

Gaio (2006) cita que quando corpos deficientes expõem-se, com intuito de abrir espaços e provocar mudanças de concepções é provável que a cada ação surja uma reação. E desta forma, através das demonstrações pode-se formar uma barreira protetora aos resultados negativos provocados pela desinformação da sociedade.

Deficiência foi a quarta palavra, em que foi citado como superação e aprendizado. O P4 cita que “todos possuem deficiência”, já o P5 relatou que “não conhece porque não se acha deficiente”. Em nenhuma das respostas apareceu de forma estigmatizada, de subtração ou abatimento e sim, de maneira que a cada experiência haja um conhecimento e que isso se torna um meio de conduzir os momentos que aparecem em seus caminhos. Gaio e Góis (2006) citam que “diferentes somos todos! Limitados somos sempre em relação a alguma coisa ou a alguém! Misteriosos é todos, porque insondáveis; inconclusivos e surpreendentes somos como seres humanos” (p. 173).

Mas independentemente de deficiência ou não, devemos filtrar as vivências e transformar em experiências e conhecimentos. Gaio (2006) menciona que as discussões sobre o entendimento de normalidade e anormalidade expressam uma conquista aos corpos deficientes, ainda que esteja em desenvolvimento, desejam um futuro comprometido com um viver digno. A autora traz que vivenciar a vida sem medo de preconceitos rompe com a repressão corporal, fazendo com que a ideia de corpo perfeito afaste-se do cotidiano.

A deficiência por si só impõe seu limite, além disso, possui o limite social, que é grande, mas pode ser vencido através do respeito às diferenças entre seres humanos. Gaio e Góis (2006) nos remetem que a dança pode ser sem limites, que haja inclusão de diferentes no mesmo espaço, que se distribui alegria, aceitação de corpos e também de admiração nos movimentos fantásticos que se realizam na diversidade humana.

A quinta e última palavra *Imagem Corporal*, foi entendida pelos entrevistados como instrumento, disciplina, autoconhecimento e movimento. Sobre a Imagem Corporal, Tavares (2003) cita que é a representação mental que os indivíduos possuem do seu próprio corpo, a

qual representa experiências particulares de cada um a partir de suas ações, relações com o ambiente e percepções. Em relação às respostas dos entrevistados, a palavra autoconhecimento transmite o entendimento sobre a imagem corporal, o qual ocorre através da percepção das relações de seu corpo com o ambiente e com o outro.

Categoria II: O Corpo e a Dança

Esta categoria remete a relação entre o corpo e dança buscando verificar as percepções em relação à prática de dança em cadeira de rodas. A intenção foi saber as suas percepções, a importância de posicionamento, e instigando suas criticidades.

No quadro 2, estão expostas as respostas referentes ao corpo e dança.

Perguntas		Participantes					
		P1-F	P2-F	P3-F	P4-M	P5-M	P6-M
Como percebe o corpo		Bom	Ágil de mais	Bem	Conhece seu corpo	Muito bem	Bem
Parte do Corpo	Mais gosta	Pernas	Olhos e boca	Braços	Boca	Olhos, Ombros, braços	Corpo inteiro
	Menos gosta	--	Pé	----	Gosta de tudo	Escoliose e Cabelo.	---
Mudaria algo? E o que?		Braços	Gênio	Conformada	Nada	Escoliose	Nada mudaria
I.C. mudou depois de praticar dança?		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Expressa Identidade, emoções? Como?		Em gestos e movimentos	Em gestos	Descontração	Vive o momento	Rosto, alma e olhar.	Gestos e olhar.
Benefícios do corpo?		Em força, sustentação, mobilidade.	Motor	Postura, respiração, bem-estar.	Conhecer o corpo.	Total	Condição física e boa alimentação.
Prática da dança Q.V		Lazer, prazer, arte, bem-estar,	Ótima, poder praticar já é um	Sentir-se bem.	Autoestima.	Vida mudou	Sentir-se bem e sociável.

		fato.				
Como se descreve?	Independente	Emotiva , boa força física.	Feliz, bom humor, tímida.	Não sabe descrever.	Extrovertida.	Tranquilo.

Quadro 2

A primeira pergunta referiu-se como se percebem corporalmente, e as respostas seguiram a linha da performance. Esta se refere não somente a estética, mas também ao movimento e a forma com que o corpo age com os estímulos. Nunes (2005) cita que a dança é uma arte privilegiada para reflexões referente às identidades de um corpo estético e também de pessoas com deficiência, por permitir visibilidade ao corpo nas formas de representação. A convivência de diferentes corpos está sendo estimulada e permitida pela dança, na contemporaneidade, enfraquecendo as imposições culturais aos atributos ao corpo com deficiência ou hábil, belo ou feio, perfeito ou imperfeito. O autor ainda cita que é fato perceber que o corpo que dança hoje, não segue um padrão específico e estético.

A segunda pergunta foi sobre quais as partes do corpo que mais gostam e o motivo, desta maneira as respostas foram diversificadas e interessantes, tiveram vários motivos diferentes, levando a perceber em cada participante um tipo de interpretação. O braço foi citado pelo motivo que é a partir dele que a cadeira de rodas se movimenta. As pernas pelo simples fato de achá-las lindas e gostar de mostrá-las. Nesse sentido, é comprovada que realmente a deficiência não é um fardo e que adaptados com tal situação, e encaram como todos deveriam, de forma natural. Cardoso et al. (2010) faz a leitura de vários autores, e afirma que se o indivíduo possuir visão positiva do seu corpo e satisfeito com sua imagem é uma forma de auxiliar sua convivência com o ambiente que está inserido e principalmente estar bem consigo mesmo.

Questionou-se sobre quais as partes do corpo que menos gostam e o motivo. Foram poucas as manifestações sobre a parte do corpo que menos gostam, a maioria respondeu que não possui partes que não gosta. A P3 citou que não tem, porque “se ama”. Gaio (2006) considera que o corpo deficiente é o que não se enquadra nos padrões de corpo imposto socialmente, e considerado inferior às normas do grupo social. A autora ainda percebe que a visão fragmentada de vida restringe a participação do indivíduo na sociedade, desta maneira surge o estigma e a discriminação. Essa citação refere-se à sociedade e não aos entrevistados, que demonstraram aceitar suas condições físicas e as partes do corpo citadas como não

gostam é por estética, pelo pé ser muito pequeno, por não se adaptar com seu cabelo e também pelo incômodo da dor na coluna vertebral.

A quarta pergunta refere-se que se tivesse algo para mudar no corpo, o que seria mudado e por qual motivo isso aconteceria. Os relatos abrangem a mudança relacionada ao corpo e a personalidade. Em relação ao corpo apenas foi citado pela P1 que mencionou os braços, porque gostaria de uma correção com o objetivo de melhorar seus movimentos e o P5 a escoliose por ter o desconforto da dor. A deficiência mais uma vez não foi uma marca imposta por eles de forma negativa e que desejariam mudar, o que realmente percebemos são suas consciências em relação as suas condições.

Caldas (2011, p.26) afirma que “O corpo que dança sobre/com uma cadeira de rodas está envolvido numa rede complexa de relações sociais”. Afirmando ainda que enquanto modalidade artística ou esportiva estimula uma nova análise sobre as técnicas corporais, as regras de coreografia e os valores que estão inseridos nessa prática.

Assim, aproveitando a citação da autora e interligando com as respostas sobre as partes do corpo que mais e menos gostam e se por acaso gostariam de mudar, é que refiro que a maioria dos participantes possui satisfação com o corpo, não marcando a deficiência. A satisfação é por conseguir realizar os movimentos no domínio motor, estar e sentir-se bem com o próprio corpo, sendo este percebido também como instrumento da dança.

Foi perguntado se com a prática da dança houve mudança na imagem corporal, e o motivo. Alguns citaram em relação ao movimento, disciplina, consciência corporal e independência.

Quando questionou que se através do corpo na dança havia a expressão de identidade e emoções, sim ou não e como isso acontecia, foi relatado que através de gestos e movimentos, principalmente com algumas partes do corpo. Percebem-se relatos que demonstram a expressividade do corpo de forma global, em nenhum momento citaram sentimentos negativos como exclusão, receio de dançar e se apresentar. Na pesquisa sobre as emoções da dança esportiva em cadeira de rodas de Freitas e Tolocka (2005) alguns participantes relataram que sentem medo e nervosismo, principalmente no que se refere ao erro, a competição, ao resultado e também por estarem sendo observados pelas pessoas. É bom lembrar que esses sentimentos são comuns, sobretudo quando é exposto algo não tão evidenciado pela e para sociedade, mas o interessante foi que na pesquisa não foram citados esses sentimentos, provavelmente por não se apropriarem desses anseios.

Laban (1978) citado por Caldas (2011) traz que a dança trabalha com a experiência de dualidade, como por exemplo: prazer e dor, justiça e injustiça, entre outros. Isso faz com os

dançarinos vivenciem, representem e expressem emoções em suas vidas diárias, sendo essas experiências compreensíveis na dança em cadeira de rodas. Ainda segundo o autor, através da dança é gerada a possibilidade de conhecimento e de significar, e quando isso ocorre o indivíduo constitui a relação dele com a sociedade.

Em relação aos benefícios para o corpo com a prática da dança, as respostas deram-se como coordenação motora, controle e consciência corporal, condicionamento físico. Maciel, Camargo e Junior (2009) relatam que a dança proporciona benefícios para a saúde física, e das condições organo-funcionais, além de estimular a autoestima, independência, relação com outras pessoas, conhecimento das possibilidades de limitações, entre vários.

A oitava pergunta é como analisa a prática da dança para a qualidade de vida, os quais foram citados a prática para o lazer, arte e para o profissional. Essas respostas equivalem à satisfação de dançar, por sentir-se bem, fazendo com que a prática torne-se opção, lazer e profissão.

Quando se solicitou aos participantes para descreverem-se, a definição focou em relação à personalidade e não ao corpo. O P4 citou que “é uma caixa de surpresa”. A personalidade foi a questão mais forte e tocada por eles durante a entrevista, pelo fato de possuir esta percepção a partir das trocas que o ambiente oferece. Acredita-se pelo fato desses traços estarem presentes na relação entre eles com as pessoas, principalmente com a prática da dança, nos treinamentos. O único entrevistado que citou a força física como descrição foi o P3, fato este que pode chamar atenção justamente por ser uma mulher, geralmente a preocupação de chamar atenção para força física é a do homem, mas não que isso seja regra, e juntamente com esta citação mencionou sua característica afetiva.

A relação entre corpo e dança foi evidenciada pelos participantes por estarem interligados de tal forma que se unem sem distinção, pelo motivo de demonstrarem em gestos as emoções e também suas habilidades. As habilidades são expressas pelo corpo que transmite o potencial de cada dançarino através da coreografia, do ambiente que se instala com o companheiro de dança e com o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança é o meio de transportar as emoções, os desejos e a luta individual de cada dançarino para seu mundo real, fazendo com que sejam percebidos e afirmem seu poder de pensar, criticar e agir, confirmando suas capacidades.

O estudo veio para demonstrar como esses participantes encaram a dança em cadeira de rodas perante a sociedade, o que pretendem com ela, o significado que possui em suas vidas e suas representações corporais. Esses conhecimentos fazem com que reflitamos sobre o assunto e que estimule um posicionamento social e mudança de comportamento positivo perante as pessoas com deficiências.

A dança mostrou-se como espaço social para que os bailarinos demonstrassem suas capacidades e habilidades tanto na esfera social como motora, desta maneira instigando todos a refletir. A dança em cadeira de rodas não possui tanta visibilidade como deveria ter, mas quando são assistidos espetáculos, vários sentimentos são liberados, é como experienciar a própria vivência no palco. O público vivencia o momento, surpreende-se, admira-se e a partir disso pode surgir o confronto do que se pensava da dança em cadeira de rodas e o que realmente presenciou, sendo assim, as percepções poderão ser transformadas e também construídas.

O entendimento sobre deficiência pelos participantes é algo a ser discutido com mais detalhe, pelo fato de que a sua compreensão nesse estudo foi marcada por dois relatos surpreendentes, um que relata que todos possuem a deficiência, e outro que a desconhece. Realmente são dois pontos que remetem a pensarmos que a deficiência é natural, mesmo que seja visível ou invisível aos seres humanos, não a tratando de forma estigmatizada e nem diferenciada daqueles que a possuem, mas que deve ser tratada como natural não imposta como marca e defendida como limitação. Sendo assim, o corpo não foi citado apresentando alguma deficiência, e sim, mostrado como um corpo natural, que realiza movimentos, que expressa emoções, que possui as mesmas habilidades de uma pessoa sem deficiência.

O corpo, entendido pelos entrevistados, é a forma de estar bem consigo mesmo, a forma de realizar os movimentos pela dança, e também da transmissão das emoções e de suas habilidades. Principalmente por expressar suas personalidades, aqui percebida como marca em suas relações sociais. A palavra movimento surgiu completamente articulada com a dança e com o corpo, sendo expressa através destes como meio de superar os limites e possuir liberdade.

Assim, a dança em cadeira de rodas possibilita a apresentação e afirmação de representações corporais das pessoas com deficiência física. Além, desses sujeitos, construir-se como dançarinos, também é a forma de mostrar o papel social que possuem e realmente do que são capazes de realizar, criticar e transformar as percepções sociais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977).

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CALDAS, D. C. A. **A Dança em Cadeira de Rodas: um processo de inclusão do aluno com deficiência física na sociedade**. JOÃO PESSOA – PB 2011.

CARDOSO, F.L; et al. Autopercepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança. **Revista Movimento**, v.16, nº.1, p.65, 2010.

COSTA, S. F.; **Método Científico: os caminhos da investigação**. Ed. HARBRA Ltda. São Paulo, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10. Ed. São Paulo: Edições LOYOLA, 1998/2004.

FERREIRA, E. “**Corpo, movimento, deficiência**. As formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação”. Tese de doutorado. Campinas: FEF-UNICAMP, 2003.

FERREIRA, E.L., FERREIRA, M.B.R. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2004; 12(4): 13-17.

FREIRE, I. M. Dança-Educação: O Corpo e o Movimento no Espaço do Conhecimento. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº. 53, abril/2001.

FREITAS, M.C.R.; TOLOCKA, R.E. Desvendando as emoções da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. **R. bras. Ci e Mov**. 2005; 13(4): 41-46.

GAIO, R. **Para além do corpo deficiente: histórias de vida** / Roberta Gaio. – Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2006.

GAIO, R; GÓIS A. A. F. Dança, Diversidade e Inclusão Social: sem limites para dançar. **In:** Dança e diversidade humana / Rute EstanislavaTolocka, RozangelaVerlengia (Org.) – Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GIL, A. C.; **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MACIEL, L.F; CAMARGO, C. A; JUNIOR, G. B.V. Reflexões Sobre a Dança em Cadeira de Rodas, seus Benefícios e Contribuições na Vida de Deficientes Físicos. **Revista CPAQV** - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida - ISSN: 2178-7514 – v.1, n. 2, 2009.

NUNES, S. M. Fazer dança e fazer com dança: perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam. **PONTO DE VISTA**, Florianópolis, n. 6/7, p. 43-56, 2004/2005.

SILVA, A. C.; RIBEIRO, P. R. C. **Representações Corporais:** a partir da produção de significados. Anais da Semana Educa, Vol. 1, No 1 (2010).

SIQUEIRA, D. C. O. **Corpo, comunicação e cultura:** a dança contemporânea em cena / Denise da Costa Oliveira Siqueira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (Coleção Educação Física e Esportes).

SIQUEIRA, R.; CARDOSO, H. **O conceito de estigma como processo social:** uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Imagonautas2 (1) / 2011/ ISSN 07190166. Acessado em 07 de junho de 2013. Disponível em: <http://imagonautas.gceis.net/sites/imagonautas.gceis.net/files/images/6. de siqueira y cardos o.pdf>

SOARES, M. J. **As representações corporais e as atividades esportivas no complemento curricular:** um estudo de caso da Escola de Aplicação FEEVALE – Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem Corporal:** conceito e desenvolvimento / Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares – Barueri, SP: Manole, 2003.

TOLOCKA, R. E; Aprendizagem e Dança com grupos heterogêneos. **In:** Dança e diversidade humana / Rute EstanislavaTolocka, RozangelaVerlengia (Orgs.) – Campinas, SP: Papyrus, 2006.